

**Notas e informações**

# O presidente não mudou...

É lamentável ter de dizê-lo, mas o presidente José Sarney não mudou após a decisão pelo mandato de cinco anos. Continua sendo o mesmo, embora tivesse prometido que, uma vez assegurado seu mandato quinquenal, tudo seria diferente: passaria a governar efetivamente, executando os projetos prioritários, saneando as finanças, restringindo os gastos públicos e moralizando a administração, enxovalhada pela corrupção. Esta promessa foi feita não somente aos palacianos contumazes, mas também aos que foram especialmente convocados para ouvi-la: "Tudo vai mudar". "Dêem-me os cinco anos e as reformas virão."

Infelizmente, estamos vendo o contrário. O sr. José Sarney prepara-se para dar início oficial nos próximos dias às obras da usina siderúrgica do Maranhão, onde serão enterrados mais alguns bilhões de dólares que não possuímos. Mais uma vez, levado por interesses menores, o presidente fecha questão proclamando que vai enfrentar a opinião pública do Sul, vai construir, custe o que custar, a usina siderúrgica dos sonhos dos maranhenses... Para não dizer que pretende privilegiar apenas seu Estado, mandou estudar a construção de outra usina, em Fortaleza, para laminar o aço que será produzido no Maranhão. Quanto? Mais dois bilhões de dólares para promover o passeio do aço pelo Nordeste. Outra aventura para justificar a primeira, enquanto as siderúrgicas estatais já instaladas acumulam prejuízos e permanecem à espera de investimentos que permitiriam ampliar a produção a um custo muito menor, sem contar as vantagens decorrentes da economia de escala e proximidade dos centros consumidores. Outras prioridades e razões alegadas não resistem a qualquer análise econômica.

Como no caso da Norte-Sul, não faltaram argumentos aos homens do presidente, os *yes men*, que dizem sim para tudo, a começar pelo presidente da Siderbrás, sr. Manoel Moacélio, que substituiu ao sr. Lanari Júnior, afastado por não ter aceito todas essas loucuras. Reconhecem eles que a usina não é prioritária, mas alegam que deve ser construída já, porque se trata de um empreendimento privado, e além do mais, poderá atrair o interesse externo, e servir como catalisadora de investimentos. Acrescentam que a usina vai utilizar o minério de Carajás e ficará situada à beira de um porto profundo, no Maranhão, o que facilitará o escoamento da produção para todos os países industrializados do mundo. Por sua fragilidade de argumentos, mal chegam a esconder a tentativa de justificar o injustificável. Não resistem sequer a uma análise superficial: primeiro, não há dinheiro no setor privado para obras extravagantes como essa; ninguém, na livre empresa, vai pôr dinheiro na usina do sr. José Sarney, no Maranhão. Já se pode prever como as coisas se passarão: cria-se uma empresa com capital do estado do Maranhão, que poderá até contar com participação privada. Isso se fará por "acerto entre amigos" em que provavelmente aparecerão alguns empreiteiros interessados em atender ao presidente, com vistas a outros negócios. As obras serão iniciadas (na verdade já começaram), e, como aconteceu com tantas outras siderúrgicas estatais, pararão no meio do caminho por falta de recursos. Caberá então ao governo federal socorrer os quase falidos para evitar que seja paralisado um empreendimento já iniciado... Isso aconteceu na Cosipa. Quem não se lembra da trágica história da Carajás Metais, a cujo triste desenlace assistimos hoje?

Os "amigos do rei" têm mais argumentos para justificar o início imediato da usina do Maranhão: os russos, os italianos e até mesmo os circunspetos japoneses estão entusiasmados com o empreendimento e brigam entre si para nele investir em troca de produtos acabados. Ora, todos sabem que eles querem é vender equipamento... Poderão até aplicar alguns recursos nas obras, mas exigirão que o Brasil, que será representado, primeiro pelo rico Estado do Maranhão e, depois, pelo pobre BNDES, realize as obras principais, isto é, aplique antes. E é o que faremos. Vamos investir dinheiro que não temos em uma obra que não só não é prioritária como discutível, do ponto de vista da viabilidade econômica. O mesmo está sendo feito pelo sr. José Sarney na Norte-Sul, que teve agora seus recursos reajustados em mais de 300%, muito acima do que se deu ao Ministério da Educação, com a única condição de que o trecho de cem quilômetros ligando Açailândia a Imperatriz (no Maranhão) fique pronto em fevereiro do próximo ano. O presidente quer inaugurá-lo em viagem triunfal. Isso significa que lá se vão pelos ares pelo menos 30 bilhões de cruzados que tanta falta fazem neste momento ao Brasil, uma vez que, obviamente, nenhum outro presidente lúcido e responsável terá coragem de continuar a ferrovia que corre paralela a uma rodovia asfaltada e a um rio, enquanto todo o sistema ferroviário se esfacela por falta de recursos.

De nada valem, porém, as ponderações do bom senso. A decisão presidencial está tomada. É definitiva. A construção da usina siderúrgica do Maranhão vai ser iniciada oficialmente nas próximas semanas, e formará com a Ferrovia Norte-Sul um soberbo complexo de vaidade.